

Moradores querem Palestina sem explosões

Encurralado entre pedreiras e a Rodovia BR-324, o bairro da Palestina é uma das áreas mais afastadas e abandonadas da cidade, sem posto de saúde, módulo da Polícia Militar, educação de 2º grau, ou mesmo uma farmácia. As ruas principais asfaltadas não dão ideia da situação enfrentada por quem precisa sair de madrugada e não encontra transporte. Surgido há mais de 30 anos sob a forma de uma invasão, abriga cerca de 30 mil pessoas, sacudidas duas vezes por dia com as explosões da Pedreira Valéria, que, segundo os moradores é o principal obstáculo para que muitas melhorias sejam implantadas no local. O bucolismo do matagal que cerca a região abafa as luzes que vêm da cidade e que fazem com que os habitantes sonhem com dias melhores.

MARJORIE MOURA

O bairro da Palestina teve origem no chamado "Beco do Bido", onde, além da mata, existia apenas uma roça de abacaxis, lá pelos idos de 1955. Os primeiros moradores foram José Antônio de Souza e o conhecido Sargento Bonifácio, este um dos primeiros líderes comunitários da região e que deu nome a uma das ruas principais. Além, segundo habitantes mais antigos, foi ele quem batizou a região com o nome do território disputado entre palestinos e judeus, talvez já prevendo as dificuldades que seriam enfrentadas por quem se arriscasse a fazer do local sua morada. "Há 20 anos aqui não tinha nem água, nem luz", diz Maria de Lurdes dos Santos de Jesus, 57 anos, que reclama da falta de infraestrutura básica.

"As mães de família são obrigadas a sair no meio da madrugada à pé para socorrer seus filhos porque o transporte é deficiente e quem tem carro cobra até R\$ 40 para levar um doente para o hospital mais próximo, que fica em Simões Filho", explica Maria de Lurdes. Para estudar só existe a Escola Municipal Maria Rosa Freitas, que abriga duas unidades com salas até a sexta série. Um dos líderes do bairro e ex-presidente da Associação de Moradores da Palestina, José Alves, cobra do secretário estadual da Educação, Eraldo Tinoco, a promessa feita na última campanha, de instalação de um colégio de 2º grau.

"Os pais e mães de família da Palestina têm condições financeiras precárias, mas, para

não deixar os filhos sem estudar, são obrigados a se desdobrar para conseguir dinheiro de transporte, porque as vagas para os moradores daqui são para colégios do Centro Administrativo, centro da cidade e Boca do Rio", diz José Alves. Para piorar a situação, o bairro, que não tem feira livre conta apenas durante a semana com ônibus para a Estação Pirajá e aos sábados tem somente uma linha para São Joaquim, porque não existe feira no local.

Conscientização

José Alves diz que antigamente existia uma linha da antiga Transur para o Terminal da França, mas os próprios moradores exigiram sua desativação porque as passagens eram muito mais caras que as cobradas em outros ônibus. A dificuldade para atingir as ruas mais afastadas do atual fim de linha também é motivo de aborrecimento para os habitantes da Palestina, que lutam com os limites impostos pela direção da Pedreira Valéria, que impediu a construção de um terminal na área de sua propriedade.

A pavimentação das ruas Sar-

gento Bonifácio e São José, concluída este ano, melhorou as condições de movimentação dos pedestres, mas em outras vias, como as ruas Maria Quitéria, Maria Marcelina e Maria Patrícia, continuam sofrendo com esgotos a céu aberto em meio à via de chão batido. Nesta última, salienta José Alves, os moradores praticamente não conseguem sair de casa em dias de chuva, a exemplo do deficiente físico Durval Francisco Santos, 62 anos, que às vezes precisa se arrastar para atingir as partes mais altas do bairro, porque não consegue se equilibrar em suas muletas.

A falta de conscientização de alguns moradores e de comerciantes do Largo da Igreja também vem causando problemas sanitários, porque, apesar das recomendações feitas por representantes da Limpurb, o lixo é jogado no local a qualquer hora do dia. O ex-presidente da associação diz, apesar de a coleta nem sempre ser feita diariamente, mesmo nos dias em que o caminhão da empresa de limpeza recolhe os detritos, pouco depois os funcionários dos mercadinhos tiram pacotes de lixo naquele ponto.

"As dificuldades são muitas



Nas proximidades da Rodovia BR-324, a população tem a vida difícil típica da periferia de Salvador

mas nos 15 anos em que moro aqui algumas coisas mudaram e outras ainda vão se transformar", diz José Alves.

que embora seja deficiente visual, é um dos moradores mais combativos. Segundo ele, o bairro é um local tran-

quilo e a violência é restrita a problemas locais e às raras incursões de bandidos vindos de outros pontos.

Comunidade teme uma catástrofe

Surgida ao redor das pedreiras Aratu e Limoeiro (já desativadas), a Palestina luta agora para ter uma área de escape, mas no meio desta existe a poderosa Pedreira Valéria, cujas explosões já danificaram mais de 100 imóveis, seriamente abalados por grandes rachaduras. "A pedreira é um elefante branco que nem o governo consegue remover", desabaja o técnico em eletrônica Luís Francisco de Jesus, que reside no bairro há mais de 20 anos. Ele cita como principal problema causado pelas explosões os danos observados nas edificações situadas na Rua Sargento Bonifácio.

Proprietário de uma pequena mercearia situada na via, de nº 908, observa dia-a-dia a destruição do imóvel pelas explosões, que acontecem ao meio-dia e às 17 horas. No local, o piso já estalou e o pilar central foi separado do limite da sapata. "Enquanto não houver uma catástrofe o governo não vai tomar providências, pois parece que o valor dos impostos pagos pela pedreira é maior que o de nossas vidas", acusa Luís Francisco, que, com outros moradores, já assinou diversos abaixo-assinados entregues a lideranças políticas em Salvador.



A pedreira faz duas explosões por dia e a comunidade protesta

No dia 14 de setembro último, por volta das 17h34, diz o técnico, recorrendo a dados anotados em um caderno, ocorreu uma explosão tão poderosa que causou um deslocamento de ar até mesmo nas ruas situadas a vários quilômetros, como a Frei Benjamin. A dona de casa Maria de Lurdes de Jesus reclama das explosões, mas diz que o principal entrave trazido pela pedreira é que sua posição impede a construção de um acesso para a rodovia através de um viaduto ou passarelleta.

"Muita gente conhecida já morreu atropelada ao tentar atravessar a BR", diz Maria de Lurdes. "Aqui a gente não tem como socorrer uma pessoa que passa mal de madrugada e o jeito é ir para o posto de saúde de Valéria, correndo o risco de morrer em cima da pista", explica. O líder comunitário José Alves cita os mesmos problemas e a luta que vem sendo travada com a direção da empresa para que um trecho de 700 metros até o ponto conhecido como Cascalheira seja asfaltado pela pre-

leitura, para que seja feito um fim-de-linha de ônibus.

Impasse

"Há mais de dez anos aquela área foi doada pelo antigo diretor da Pedreira Valéria, Sr. Hamilton, mas a atual direção diz que só cede o local se a prefeitura diminuir os impostos cobrados sobre a empresa. Acontece que os atuais limites da cerca estão 200 metros acima da área original da pedreira, que assanou sobre este trecho e vem apresentando uma documentação duvidosa", afirma Alves. Ele explica que a prefeitura já ofereceu fazer um mapa para evitar invasões, mas o diretor Luís Galvão insiste na redução de impostos para ceder.

Há muitos anos a Cascalheira é utilizada como área de estacionamento por caminhões de entrega e outras veículos maiores. A granação já tem preso representantes da empresa, que até mandaram colocar pesadas pedras para evitar o uso da área, não hesa em conta a situação de quem chega ao local com compras e crianças de colo. Sem outra opção são obrigados a andar mais de dois quilômetros até chegar em suas casas, finaliza José Alves.

Um nome de origem bélica

A origem do nome do bairro da Palestina remete aos problemas enfrentados pelos palestinos para criar seu Estado e ter direito a serem vistos como cidadãos do mundo. A Palestina árabe surgiu no papel junto com o Estado de Israel, em 1948, mas somente nos últimos dez anos pôde ser delimitada, após longas e sangrentas disputas. No fim da 1ª Guerra Mundial, os judeus perfaziam 8% da população do país - a antiga Palestina - de 16 mil e 300 habitantes. Em 1922, intensos fluxos migratórios de judeus da Europa aumentou este contingente para 12%, percentual que só fez aumentar após o extermínio praticado pelos nazistas, atingindo um terço da população total.

Os árabes já havia se rebelado em 1920 contra a "Declaração Balfour", pela qual a Inglaterra prometia o estabelecimento de um lar judaico no país dos palestinos. Decisão da ONU de 1947 destinou 56% do território a Israel, o que resultou da guerra de 1948, quando os judeus absorveram uma área ainda maior, expulsando os palestinos. Restaram apenas a faixa de Gaza, na fronteira do Egito, que acabou sendo ocupada pelos israelenses após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, e a Cisjordânia.